

## 4

### Tentativa de organização do caos: A Gramática de Valências de Busse e Vilela

A gramática de valências é de fundamental importância para o nosso estudo, uma vez que tem o verbo como ponto de partida, como centro dinâmico da frase, e, a partir dele, trata sintática e semanticamente os outros elementos.

Segundo os autores, a gramática tradicional “não dispõe de instrumental teórico-descritivo para distinguir, de modo adequado, os múltiplos fatos da língua” (1986:5). Desta forma, a gramática de valências propõe-se a estudar a relação forma e conteúdo na totalidade dos seus elementos constituintes. São, portanto, dois os pólos de análise existentes na gramática de valências: a sintaxe e a semântica.

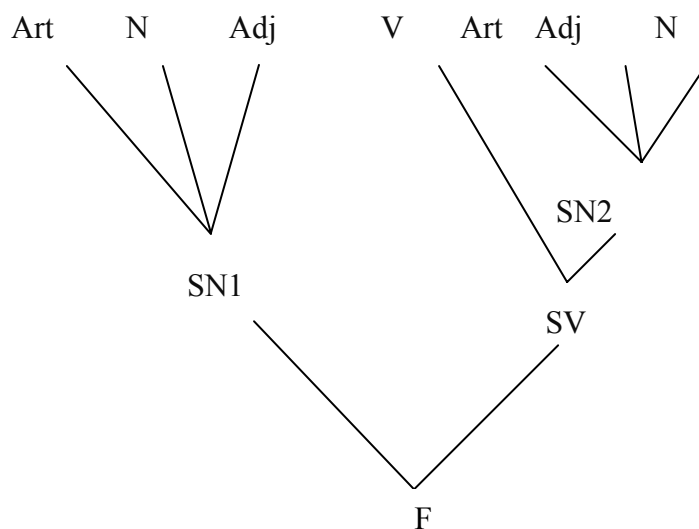
Na sintaxe são aplicados, em geral, dois princípios de análise complementares: *constituência* e *dependência*.

A análise com base na constituição<sup>10</sup> considera a estrutura da frase como uma hierarquia de categorias sintáticas. Trata-se de uma relação de pertença ou de decomposição. Os autores exemplificam tal relação da seguinte forma:

(151) *Uma empresa portuguesa apresenta os novos computadores.*

---

<sup>10</sup> Desenvolvida e conhecida como análise em constituintes imediatos – IC, e depois reformulada, na gramática de estrutura frásica – PSG.



$F \rightarrow SN1 + SV$

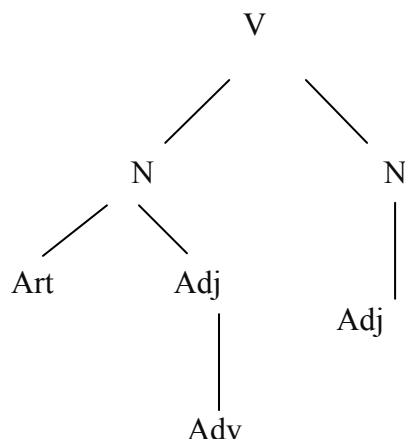
$SN1 \rightarrow Art + N + Adj$

$SV \rightarrow V + SN2$

$SN2 \rightarrow Art + Adj + N$

A gramática de dependências baseia-se numa relação estabelecida não entre categorias de níveis diferentes, mas entre elementos básicos – palavras – ou categorias básicas. Tal relação pode ser interpretada como uma relação de (co) ocorrência: “diz-se que um elemento depende do outro, se a possibilidade de ele ocorrer pressupuser a presença de outro elemento” (1986:10).

Uma das características da gramática de dependências reside no fato de considerar o verbo o elemento de que dependem os outros elementos da frase. Desta forma, uma representação gráfica generalizada – válida para todas as frases com a mesma estrutura – do exemplo (151) seria a seguinte:



Segundo Busse e Vilela, dentro da gramática de dependências há o desenvolvimento da sintaxe verbal conhecida como gramática de valências.

#### 4.1

#### A noção de “valência” e a Gramática Tradicional

Busse e Vilela chamam **valência** ao “número de lugares vazios” – ou argumentos – “previstos e implicados pelo (significado do) lexema”. E completam dizendo que “são os verbos que apresentam de modo mais evidente estruturas relacionais do tipo valencial” (1986:13). Os preenchedores dos lugares vazios são chamados pelos autores de **actantes**.

Vejam os seguintes exemplos, com o verbo “dar”. Tal verbo apresenta claramente três actantes: quem dá, o que é dado e o receptor. Assim, temos: dar (x, y, z).

A centralidade do verbo na frase, como predicado, consiste no fato de o verbo determinar a estrutura básica da frase, por força dos lugares vazios, da sua estrutura relacional.

Além do número de lugares vazios, o verbo determina também as propriedades morfo-sintáticas e semânticas dos actantes que realizam, nesta frase, esses lugares vazios.

É válido destacar que, na teoria de valências, o sujeito é considerado como um complemento do verbo da mesma natureza que os restantes – como vimos em nossa análise do trabalho de Maria Eliana Duarte Alves de Brito, cujas bases apóiam-se em uma Gramática de dependências –, distinguindo-se, assim, da Gramática Tradicional.

A ideia de “valência” é expressa de forma incompleta pela Gramática Tradicional através da ideia de “transitividade”, com que distingue os verbos com complemento(s) – Transitivos – e sem complemento – Intransitivos. Há ainda uma terceira categoria, a dos verbos sem sujeito – Impessoais. Estas expressões referem-se, evidentemente, ao número de actantes do verbo.

Para os adeptos da Gramática de Valências, tais terminologias gramaticais apresentam algumas incoerências. Estes apontam que, para a análise da estrutura da frase, a Gramática Tradicional distingue basicamente “termos” da oração, funções sintáticas destes “termos” (sujeito, objeto, etc.) e as suas estruturas (subordinadas, em que inclui também as completivas, relativas, infinitivas e conjuncionais).

As funções dos membros da frase dividem-se em:

- a) sujeito e objeto(s);
- b) adjuntos adverbiais.

Tem-se, por um lado, as funções de membros da frase que se referem diretamente ao verbo, e, por outro lado, as funções de membros da frase que não apresentam esta característica e que, por isso, são chamados adjuntos.

Em primeiro lugar, como procuramos mostrar ao longo deste trabalho, a distinção entre complemento direto e indireto mostra-se insuficiente, uma vez que haverá necessidade de distinguir um número maior de tipos de actantes de acordo com as propriedades morfo-sintáticas características, sendo a distinção entre complemento direto e indireto apenas uma dessas características.

Além disso, o conceito de objeto indireto é usado pela Gramática Tradicional para referir-se a vários tipos de complementos preposicionados que se

diferenciam entre si pelas suas propriedades sintáticas. Observemos as seguintes frases:

(152) O doente obedeceu **ao médico**.

(153) O doente recorre **ao médico**.

Embora os dois termos sejam regidos pela mesma preposição, as possibilidades de pronominalização são diferentes:

(152.a) O doente obedeceu-**lhe**.

(153.a) O doente recorreu **a ele**.

Outra incoerência apontada pela Gramática de Valências é o fato, já comentado neste trabalho, de esta classificação restringir a noção de alguns complementos verbais, classificando como adjunto – devido à sua natureza adverbial – termos que são tão indispensáveis ao verbo quanto qualquer objeto direto ou indireto. Observe:

(154) Maria porta-se bem.

O termo “bem”, considerado pela Gramática Tradicional como adjunto adverbial, é indispensável ao sentido do verbo.

Tais incoerências ficam evidentes quando colocadas lado a lado as visões dos diferentes autores analisados:

<b>Gramática Tradicional</b>	<b>Rocha Lima</b>	<b>Evanildo Bechara</b>	<b>M<sup>a</sup> Eliana D. Alves de Brito</b>
Objeto	Objeto Indireto	Objeto Indireto	Objeto Indireto
Indireto	Complemento Relativo	Complemento Relativo	Complemento Relativo
	Complemento Circunstancial		Complemento Relativo Opcional
Adjunto Adverbial	Adjunto Adverbial	Adjunto Adverbial	Complemento Locativo
			Adjunto Adverbial

Visto isto, pode-se dizer que o objetivo da Gramática de Valências é ampliar conceitos já formulados, de modo a abranger a variedade real dos fatos sintáticos. Como apresentam Busse e Vilela, a Gramática de Valências “pretende ser apenas uma visão geral da sintaxe e da semântica do verbo, dentro de uma concepção de gramática, que, sem ser nova, sistematiza de modo novo os fatos da língua” (1986:5).

## 4.2

### Actantes e Circunstantes

A Gramática de Valências questiona os critérios adotados pela gramática tradicional para se estabelecer a distinção entre actantes e circunstantes (sujeito, objetos e adjuntos adverbiais).

Segundo Busse e Vilela, o critério tradicional para identificação dos membros da frase é a interrogação, a que se acrescenta o critério da pronominalização. Assim, o sujeito seria identificado através da pergunta “*quem*

(*é que*) + *V?*” e poderia ser substituído pelos pronomes pessoais na forma não marcada (“nominativo”); o objeto direto seria identificado pela pergunta “*o que (é que) + V + A<sub>I</sub>?*” e poderia ser substituído pelos pronomes oblíquos *o(s)*, *a(s)*; e o objeto indireto seria identificado através da pergunta “*a quem (é que) + A<sub>I</sub> + V...?*”, com a pronominalização equivalente às formas pronominais *lhe(s)*. Vejamos os exemplos abaixo:

(155) Pedro fez o teste.

(155.a) Quem (*é que*) fez o teste?

(155.b) (Foi) ele (*que*) fez o teste.

(156) O carpinteiro trabalha a madeira.

(156.a) O que (*é que*) o carpinteiro trabalha?

(156.b) O carpinteiro trabalha-a.

Este critério permite ainda a identificação de estruturas homonímicas.

Comparemos o exemplo (156) com o exemplo (157), abaixo:

(157) O carpinteiro trabalha todo dia.

\*(157.a) O que (*é que*) o carpinteiro trabalha?

\*(157.b) O carpinteiro trabalha-o.

Os autores observaram que há elementos frásicos que, por possuírem a estrutura “*a + SN*”, são, muitas vezes, considerados como objeto indireto, mas que são circunstantes. Observemos os exemplos abaixo:

(158) João deu um livro à Maria.

(158.a) A quem (*é que*) João deu o livro?

(158.b) João deu-lhe o livro.

(159) João constrói um balanço à (para a) Maria.

(159.a) A quem (*é que*) João constrói um balanço?

(159.b) João constrói-lhe um balanço.

Sabendo-se que o verbo *dar* prevê três lugares vazios (quem dá, o que é dado, a quem é dado), concluímos que o termo “*à Maria*”, em (158), é um

elemento previsto pelo verbo e, portanto, é um actante. Já o verbo *construir* prevê apenas dois lugares vazios (quem constrói, o que é construído). O elemento “à *Maria*”, em (159), não é, portanto, um actante, mas um circunstante.

Esse fato é da maior importância para a análise do português brasileiro, dada a gradativa substituição da preposição *a* por *para*, indicadora por excelência da finalidade, mas também coloquialmente preferida para indicar o destinatário.

Busse e Vilela ressaltam que na gramática de valências utiliza-se ainda o isolamento do membro frásico analisado por meio de um “pro-verbo” como *fazer*, *acontecer*, etc.

(159.c) João construiu um balanço e fê-lo para a Maria.

Segundo os autores, tal critério mostra que “a relação dos circunstantes com o verbo e os seus actantes (=núcleo frásico) é de natureza coordenativa, o que já se intui na terminologia tradicional, que fala de ‘adjuntos.’ ” (1986:25).

Outros termos introduzidos por preposição ou que apresentam uma estrutura homonímica com a de outros termos não permitem, para identificação, os mesmos processos aqui citados. Somente através do critério da reformulação por um pro-verbo é que verificamos alguma possibilidade de distinção entre o elemento actante e o elemento circunstante. Observe:

(160) Ele convidou-me para a festa.

(161) Ele poupou dinheiro para uma viagem.

(160.a) Ele convidou-me para isso.

(161.a) Ele poupou dinheiro para isso.

(160.b) Para que (é que) ele me convidou?

(161.b) Para que (é que) ele poupou dinheiro?

\*(160.c) Ele convidou-me e fê-lo para a festa.

(161.c) Ele poupou dinheiro e fê-lo para uma viagem.



## 4.3

### Tipos de Actantes

Como já vimos neste trabalho, a classificação dos actantes não pode ficar limitada aos tradicionais “sujeito”, “objeto direto” e “objeto indireto”. A Gramática de Valências apresenta dez tipos diferentes de actantes, conforme veremos a seguir:

A<sub>1</sub>: sujeito tradicional

A<sub>2</sub>: complemento direto tradicional

A<sub>3</sub>: complemento indireto tradicional

A<sub>4</sub>: complemento preposicional (com preposição fixa)

A<sub>5</sub>: actante locativo

A<sub>6</sub>: actante direcional

A<sub>7</sub>: actante temporal

A<sub>8</sub>: actante de medida, duração, preço

A<sub>9</sub>: actante modal

A<sub>10</sub>: predicativo

#### 4.3.1

##### A<sub>1</sub>: Sujeito Tradicional

O actante A<sub>1</sub> é equivalente ao sujeito tradicional e vem, em geral, antes do verbo. Como vimos anteriormente, admite pronominalização (eu, tu, ele, isto,...) e pode ser identificado através da pergunta “*que(m) (é que) + V?*”.

Como nosso trabalho não tem foco neste tipo de actante – apesar de considerá-lo também como um complemento do verbo –, não nos aprofundaremos em sua análise.

#### 4.3.2

##### **A<sub>2</sub>: Complemento direto tradicional**

O actante A<sub>2</sub> posiciona-se depois do verbo, admite pronominalização (me, te, se, o, a,...) e pode ser identificado através da pergunta “(o) *que/quem* (é *que*) + A<sub>1</sub> + V...?”.

Busse e Vilela apontam algumas particularidades a respeito deste tipo de actante. A primeira delas é a possibilidade deste vir introduzido pela preposição *a* com verbos de sentimento se o lugar vazio for preenchido por um termo [+ humano] ou [+ animado]. Tal preposição ocorre obrigatoriamente na construção “amar a Deus”, com pronomes pessoais oblíquos tônicos e com *quem*, quando este for pronome relativo ou interrogativo. É facultativa em outros casos, sobretudo com pronomes, sendo mais frequente com nomes próprios de seres animados.

(162) Vimos (a) **João e Antônio**, mas eles não nos viram a **nós**.

(163) O homem a **quem** tu viste roubar era velho.

(164) Ele não ama (a) **ninguém**.

Outro caso apresentado pelos autores é o uso da preposição *a* para marcar a distinção entre o A<sub>2</sub> e o A<sub>1</sub>, ou entre o A<sub>2</sub> e o A<sub>10</sub> – predicativo.

(165) Feriu o caçador **ao leão**.

(166) **A Pedro**, vi furioso.

É importante também a observação dos autores quanto à possibilidade de “ampliação de valências, em que o mesmo termo pode aparecer como A<sub>2</sub> ou A<sub>3</sub>” (1986:36).

(167) Ele ensinava apenas **três alunos**.

(167.a) Ele ensinava geografia apenas **a três alunos**.

### 4.3.3

#### A3: Complemento indireto tradicional

Para a gramática tradicional, o complemento indireto tem como característica se ligar ao verbo através da preposição. A gramática de valências restringe esse complemento àqueles actantes introduzidos pela preposição *a*, que admitem pronominalização, principalmente pelo pronome *lhe(s)*, e que se identifica através da interrogação “*a quem (é que) + A<sub>I</sub> + V...*”<sup>11</sup>.

### 4.3.4

#### A4: Complemento preposicional (com preposição fixa)

Este complemento, incluído sob a nomenclatura de objeto indireto pela gramática tradicional, diferencia-se: 1- pelo emprego de outras preposições (*de*, *em*, *a*, etc.); e 2- por sofrer pronominalização sob a forma: preposição + pronome oblíquo (*de/ em/ a + mim, ti, si, ela, ele, etc.*). Os autores observam em nota que “pertence a esta categoria o actante mencionado com a preposição *a*, se não for pronominalizável por *lhe*”:

(168) Maria recorreu **ao João** para a ajuda.

(168.a) Maria recorreu **a ele** para a ajuda.

\*(168.b) Maria recorreu-*lhe* para a ajuda.

---

<sup>11</sup> É importante a observação feita pelos autores, e apresentada neste trabalho no item 4.2, de que somente esses critérios não são suficientes para se identificar o complemento indireto.

### 4.3.5

#### A5: Actante locativo

Este actante tem como marca: *em, dentro de... mim, ele, isso*, etc. e admite pronominalização por *aí, lá, ali, nesse lugar*, etc. Além disso, pode ser reconhecido através da interrogação “*onde (é que) + A<sub>I</sub> + V...*”.

(169) Maria vive **no Rio de Janeiro**.

(169.a) Maria vive **lá/ ali/ aí**.

(169.b) Onde (é que) Maria vive?

Busse e Vívella acrescentam que o actante locativo pode ocorrer simultaneamente ou alternativamente com outros actantes – de tempo, de modo, etc. Nestes casos, um dos actantes é obrigatório. O autor designa este actante por *actante situativo (A<sub>5a</sub>)*, como em:

(170) O acidente ocorreu **no Japão**.

(171) O acidente ocorreu **ontem**.

(172) O acidente ocorreu **por incúria**.

(173) O acidente ocorreu **ontem no Japão por incúria**.

### 4.3.6

#### A6: Actante direcional

Este actante tem como marca as preposições *para, a, de*, etc. e admite pronominalização por *aí, lá, ali, nesse lugar*, etc. acompanhados pela respectiva preposição. Além disso, pode ser reconhecido através da interrogação “*preposição + onde (é que) + A<sub>I</sub> + V...*”.

(174) Irei para **o Japão**.

(175) Irei para **lá/aí**.

(176) Para onde (é que) irei?

#### 4.3.7

##### A7: Actante temporal

Este actante tem como marca as preposições *para, de, desde*, etc. e admite pronominalização por *para então* ou *para essa hora*. Além disso, pode ser reconhecido através da interrogação “*para que data/hora; desde quando/que data/ que hora (é que) + A<sub>I</sub> + V...*”.

(177) Ele marcou uma consulta **para o dia seguinte**.

(177.a) Ele marcou uma consulta **para então**.

(177.b) Para que data ele marcou uma consulta?

#### 4.3.8

##### A8: Actante de medida, duração, preço<sup>12</sup>

Este actante<sup>13</sup> ocorre com verbos como *durar, pesar, medir, custar*, etc. Pode ser reconhecido através da interrogação “*quanto/ quanto + SN (tempo, preço, peso, etc.)*”.

(178) A sessão durou **três horas**.

(179) O livro custou **vinte reais**.

(180) O pacote pesa **dez quilos**.

<sup>12</sup> Vide no item 3.3.2.2 B o que diz Maria Eliana Duarte Alves de Brito sobre este tipo de actante.

<sup>13</sup> A gramática tradicional inclui este tipo de actante dentre o que chama de objeto direto e Rocha Lima classifica-o como complemento circunstancial.

### 4.3.9

#### A9: Actante modal

Este actante é marcado por advérbio modal ou pela expressão “de + uma maneira” e pode ser pronominalizado por assim, deste modo, etc.

(181) Ela comporta-se **bem**.

(182) Ela comporta-se **assim**.

(183) *Como é que/ de que maneira* ela se comporta?

Os autores acrescentam que, com outros verbos, o actante modal realiza-se por meio da preposição *a*, ou por um advérbio modal.

(184) A moça cheira **a rosas**.

### 4.3.10

#### A10: Predicativo

São considerados como A<sub>10</sub> os predicativos do objeto direto da gramática tradicional e também os nomes predicativos de verbos bivalentes. Busse e Vilela ressaltam que o A<sub>10</sub>, assim como o A<sub>2</sub> com o qual co-ocorre, “é afetado por restrições impostas pelo significado do verbo”. (1986:41)

(185) Ele nomeou Pedro **chefe**.

\*(185.a) Ele nomeou Pedro competente.

(186) Ele considera Pedro **chefe**.

(186.a) Ele considera Pedro **competente**.

#### 4.4

#### Considerações a respeito das categorias semânticas dos actantes

Busse e Vilela apresentam, ainda, aspectos que vão interferir na seleção dos actantes. Entre estes cumpre destacar a tipologia dos verbos que se organizam em campos lexicais, como, por exemplo, mudança de posse (*dar*, *alugar*, *vender*, entre outros). Os verbos de cada grupo possuem traços semânticos comuns e traços inerentes.

No grupo a que aludimos acima, a mudança de posse implica uma transferência. Os verbos citados distinguem-se por traços que indicam a modalidade de transferência. Assim, *dar* pressupõe uma transferência definitiva, sem contrapartida de quem recebe; *alugar* diz respeito a uma transferência temporária com contrapartida de quem se beneficia do objeto transferido. No caso de *vender*, a transferência é definitiva e há contrapartida do novo possuidor.

A valência dos três verbos é a mesma. Seleccionam um sujeito ( $A_1$ ), um objeto direto ( $A_2$ ) e um objeto indireto ( $A_3$ ).

É importante, também, levar em conta as categorias semânticas dos actantes. Nos verbos em questão, tem-se

$A_1$  – [+ humano/ + ativo]

$A_2$  – [+ objeto alienável]

$A_3$  – [+ humano]

Não nos estenderemos nesses pontos, porque foge ao propósito geral do presente trabalho: a transitividade e a noção de complemento.

Não podemos, entretanto, deixar de enfatizar a importância do assunto na determinação dos papéis dos participantes em ações. Por exemplo, o fato de um verbo prever  $A_1$  e  $A_2$ , respectivamente, sujeito e objeto direto, não determina que a oração seja passível de apassivação. É necessário que o sujeito seja agente e autor da ação.